

Vamos mudar o modelo econômico e esquecer Brady

Igor Cornelson (*)

O Plano Brady tem sido analisado contradiitoriamente em nossa imprensa; a alguns acham que "a dívida externa já era", outros que ela permanece sem solução.

Sob o aspecto político o Plano Brady é muito oportunista. Assim como o Plano Baker foi lançado imediatamente após a moratória peruana para trazer alento ao problema da dívida externa antes da reunião do FMI de 1985, o Plano Brady também foi apresentado ao público imediatamente após os conflitos de rua em Caracas, causados pelo fim dos subsídios da economia venezuelana e com claro objetivo de trazer esperanças aos credores e devedores, antes da reunião do BID em Amsterdã. Sob o ponto de vista financeiro, o Plano Brady apresenta pouca novidade. É muito mais uma síntese do menu de opções que a bem administrada economia chilena



tem apresentado desde a reforma de 1983, para resolver um grave problema de endividamento externo.

A novidade do Plano Brady é tão-somente institucionalizar linhas de crédito específicas para a compra da dívida com deságio, através de bancos multilaterais (FMI, BIRD, BID). Será isso suficiente para resolver o problema da dívida externa?

A resposta pode ser positiva, desde que o Brasil promova as mesmas reformas econômicas que o Chile colocou em prática depois de 1983, ou seja:

1. Desvalorização agressiva da moeda (ou câmbio livre).
2. Eliminação dos controles burocráticos de exportações e importações.
3. Redução de alíquotas de impostos de importação.
4. Eliminação de subsídios e incentivos fiscais
5. Desestatização da economia, no sentido de impedir que empresas estatais sejam administradas de forma fisiológica ou para gerarem contribuições para caixinhas de políticos viajando campanha eleitoral.
6. Atração de capitais e

tecnologias internacionais.

7. Liberação das políticas privadas de investimento, salarial e de preços.

8. Eliminação do déficit público, através da redução de despesas e melhor cobrança de impostos.

Com esse modelo econômico o Brasil paga a dívida externa com ou sem Plano Brady, e por um motivo simples: atrairá capitais nacionais e estrangeiros, se integrará economicamente com as economias de maior sucesso, invertendo o fluxo livre de poupança gerado pelo fracasso do Plano Cruzado.

Apesar do Plano Brady, a dívida externa também poderá continuar sem solução. O motivo não é difícil de entender. O modelo econômico brasileiro perdeu credibilidade, tornando-se igual aos dos nossos vizinhos da América Latina (Argentina, México, Venezuela) em 1989.

As regulamentações do CIP, da Cacex, do CDI, do CMN, etc. esclerosaram o modelo econômico. O lucro já não mais vem do talento e da competência, mas é decidido nos corredores burocráticos de Brasília,

através de subsídios, incentivos fiscais, licenças de importação, reservas de mercado, etc.

Nada mais anacrônico e ineficiente que o modelo econômico brasileiro.

A solução da dívida externa, bem como a volta ao crescimento econômico, pouco depende de planos e decisões econômicas a serem tomadas fora de nossas fronteiras. A decisão política de mudar o modelo é, porém, muito difícil e muito complexa e será tomada provavelmente pela força das circunstâncias.

Esperamos que seja tomada antes de a economia tocar o fundo do poço, como no exemplo do Chile em 1983, Bolívia em 1985 e Venezuela em 1989.

Os problemas de curto prazo têm-nos feito desviar a atenção dos problemas estruturais da economia e a dívida externa tem sido usada como desculpa para nossos fracassos em implementar reformas econômicas urgentes.

Corremos agora o risco de nos iludir que o Plano Brady conseguirá reverter a fuga de capitais, tirar o peso do serviço da dívida

das costas do Brasil. O Plano Brady não terá eficácia se não tomarmos decisões corajosas de adaptar a economia brasileira à integração ao mundo desenvolvido no final do século XX. Precisamos reformar um modelo que foi revolucionário quando implantado por Getúlio Vargas, após a grande depressão, mas que hoje tem somente retardado a integração do Brasil ao futuro.

Por ironia, os partidos de esquerda, que deveriam constituir-se na vanguarda evolutiva de nossa sociedade, apresentam-se de forma conservadora, querendo manter um modelo econômico ultrapassado, enquanto o discurso do pequeno Partido Liberal, formado por políticos conservadores, soa revolucionário.

A dívida externa será ou não resolvida muito mais como subproduto da reforma ou não do modelo econômico do que do resultado de planos decididos fora de nossas fronteiras.

(*) Vice-presidente sênior do Standard Chartered Merchant Bank Ltd., em São Paulo.